

Programas de alfabetização "bateram no teto", diz presidente da Todos pela Educação

(Nara Alves)

Em 2008, a taxa de analfabetismo se manteve praticamente estável no Brasil, de acordo com dados divulgados nesta sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para o presidente-executivo da organização Todos pela Educação, Mozart Neves Ramos, essa estagnação mostra que os programas nacionais de alfabetização chegaram a seu limite. “Estamos chegando a um ponto que parece que bateu no teto”, constata.

De acordo com Ramos, desde 1999 praticamente nada mudou no ponto de vista estatístico. “Principalmente na 8ª série, português e matemática, nada melhorou de 1999 pra cá. Houve uma pequena melhora na 4ª série, mas não na velocidade que a gente precisa”, afirma. Agora, a esperança da organização recai sobre o Plano de Desenvolvimento da Educação, do Ministério da Educação, que se propõe a melhorar a educação básica no País.

Para que o Brasil tenha um bom ritmo de erradicação do analfabetismo, a Todos pela Educação, que reúne diversos projetos de educação, defende maior envolvimento dos prefeitos. “Os percentuais de analfabetismo são maiores nas áreas rurais do Nordeste e Norte, onde as pessoas moram distantes umas das outras. Se não houver uma estratégia para trazer esse pessoal, oferecendo merenda e transporte, por exemplo, será muito difícil vencer essa barreira”.

Outros países da América Latina, como Cuba e Nicarágua, têm avançado muito mais na educação e já conseguiram vencer a batalha contra o analfabetismo. “O Brasil, apesar do esforço do governo, não consegue pelo tamanho continental e pela localização, diluição da população, e ausência de prioridade”, constata o presidente-executivo. Essa “ausência de prioridade” é facilmente verificada nas altas taxas de abandono dos programas educacionais. “Não há controle de monitoramento da eficácia desses programas”, cobra.

O pior dado apresentado pelo IBGE é que a educação no Brasil estagnou em um nível baixo, segundo Ramos. A população brasileira com 10 anos ou mais de idade tem em média 7,1 anos de estudo. No Nordeste, a média é de 5,9 anos, enquanto no Sudeste chega a 7,7. “Isso é o fator responsável pelas próprias desigualdades sociais”, diz. Para ilustrar o círculo vicioso da desigualdade provocada pelo baixo grau de instrução formal, Ramos lembra o estudo do economista Marcelo Nery, da Fundação Getúlio Vargas, que mostra que quando o pai tem curso superior, a chance do filho ser analfabeto é próximo de zero.

Veja os principais dados da Pnad 2008:

Rendimento da população brasileira tem a menor alta em três anos
Cresce o número de empregados com carteira de trabalho assinada
Trabalho infantil reduz, mas 4,5 milhões ainda são exploradas
Aumenta o número de brasileiros com telefone
Cresce exigência do mercado de trabalho
Agricultura e comércio são as principais atividades do brasileiro
População brasileira tem média de 7,1 anos de estudo
Brasil mantém tendência de envelhecimento; Rio é o mais "velho"
Cresce o número de pessoas que se declaram pardas no País
Mais brasileiros têm telefone; fogão segue como bem mais acessível
Sul e Sudeste do País concentram 60% do acesso à internet
Energia elétrica é o serviço público com o maior alcance no País
Aumenta o número de pessoas morando sozinhas no Brasil
País ainda tem um analfabeto a cada 10 brasileiros
Emprego formal avança no País, mas renda cresce em ritmo menor